



# CORPO DA PAZ

*50 Anos  
Promovendo Amizade  
e Paz*



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA  
VOLUME 15 / NÚMERO 11  
Publicado em maio de 2011

#### Programas de Informações Internacionais:

Coordenadora	Dawn L. McCall
Editora executiva	Catherine J. Jarvis
Diretor de Publicações	Michael Jay Friedman

Diretora editorial	Mary T. Chunko
Editor-gerente	Bruce Odessey
Gerente de Produção	Janine Perry
Designer	Chloe D. Ellis

Editor de fotografia	George Brown
Especialista em referências	Anita N. Green

Revisora do português	Marília Araújo
-----------------------	----------------

Capa: Voluntário do Corpo da Paz ajuda aluno da África Austral

Créditos das fotos: Todas as fotos são cortesia do Corpo da Paz, exceto as das páginas 8 e 9, que são cortesia de Jason Katz

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica as revistas eletrônicas *eJournal USA*. Cada edição analisa uma grande questão enfrentada pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional e informa os leitores internacionais sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada *eJournal* é publicada em inglês, seguida pelas versões eletrônicas em espanhol, francês, português e russo. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

Editor, *eJournal USA*  
IIP/PUBJ  
U.S. Department of State  
2200 C Street, NW  
Washington, DC 20522-0501  
USA  
E-mail: [eJournalUSA@state.gov](mailto:eJournalUSA@state.gov)

## Sobre Esta Edição



**D**urante a campanha presidencial de 1960, o candidato John F. Kennedy perguntou a um grupo de universitários americanos: “Quantos de vocês que vão ser médicos estão dispostos a passar seus dias em Gana? Técnicos ou engenheiros, quantos de vocês estão dispostos a trabalhar no Serviço de Relações Exteriores e passar a vida viajando pelo mundo?” Alguns meses depois de tomar posse em 1961, Kennedy assinou um Ato do Executivo criando o Corpo da Paz.

Desde então, mais de 200 mil americanos responderam ao desafio de Kennedy servindo como voluntários do Corpo da Paz, ajudando pessoas em 139 países a criar peixe e animais de fazenda, aprender inglês e construir sistemas básicos de água. No processo de ajudar os outros, esses americanos descobriram o mundo e trouxeram de volta com eles para os Estados Unidos um entendimento mais aprofundado de outros países e culturas.

Nesta edição de *eJournal USA*, comemoramos os 50 anos do Corpo da Paz com narrativas escritas por ex-voluntários e temos um vislumbre do futuro do Corpo da Paz em ensaio do atual diretor da entidade Aaron S. Williams.

*Os editores*

## Corpo da Paz: 50 Anos Promovendo Amizade e Paz

### 3 50 anos do Corpo da Paz

JOSHUA BERMAN ESCREVE SOBRE VIAGENS E FOI VOLUNTÁRIO DO CORPO DA PAZ. Há 50 anos, os voluntários do Corpo da Paz compartilham conhecimentos, constroem amizades e cultivam um melhor entendimento entre os americanos e outros cidadãos do mundo.

### 6 Corpo da Paz: os próximos 50 anos

AARON S. WILLIAMS, DIRETOR DO CORPO DA PAZ. O Corpo da Paz continuará a encarar os desafios do mundo com inovação, criatividade, determinação e compaixão.

### 8 Voluntários em ação

Kathleen Fraser, Panamá  
Peter e Alene Kennedy Hendricks,  
República da Geórgia  
Tia Tucker, Marrocos  
Don Hesse, Jordânia  
Jared Tharp, Senegal  
Juan Rodriguez, Guiana  
Rachelle Olden, República Dominicana  
Scott Lea, Indonésia  
Kelly Petrowski, Malawi  
Albin Sikora, Bulgária  
Patty e Harvey Gagnon  
República do Quirguistão  
Löki Tobin, Azerbaijão

## 50 anos do Corpo da Paz

Joshua Berman



O primeiro grupo de voluntários do Corpo da Paz prepara-se para embarcar para Gana em 1961

*Há 50 anos, os voluntários do Corpo da Paz compartilham conhecimentos, constroem amizades e cultivam um melhor entendimento entre os americanos e outros cidadãos do mundo. Joshua Berman escreve sobre viagens e foi voluntário do Corpo da Paz.*

Um menino descalço sentou na minha frente no cavalo, conduzindo o animal pelo caminho estreito. Ri, cantei e brinquei na escola do menino durante toda a manhã; seu pai havia insistido para que eu retornasse em grande estilo ao vilarejo para o qual fui designado. Aceitei.

Com um assobio e um chute, o menino colocou o cavalo para trotar ao nos aproximarmos da margem do rio. Quando surgimos da floresta e entramos nos milharais, os agricultores olharam para nós e acenaram. Por um lado, era apenas outro dia na zona rural da Nicarágua; por outro, era um momento importante, o dia em que um estranho havia chegado a uma remota escola nicaraguense e 40 crianças haviam estado com um estrangeiro pela primeira vez na vida.

Os dois anos que passei no Corpo da Paz foram tão imprevisíveis e gratificantes como a cavalgada montanha abaixo. Servi como voluntário em educação ambiental em



O voluntário Colin Dayly, 23, passa tempo com sua família anfitriã em vilarejo cambojano em 2007

foi mais específico e calou fundo naqueles que o ouviram.

Como ficou demonstrado, havia muitos americanos dispostos a passar seus dias em Gana, sua vida viajando pelo mundo. A ideia não era inteiramente nova, mas era nova a grande iniciativa governamental de criar e administrar tamanha força de voluntários e, em março de 1961, apenas alguns meses depois de tomar posse como presidente, Kennedy assinou o Ato do Executivo 10.924, que previa a criação e a administração do Corpo da Paz.

“A vida no Corpo da Paz não será fácil”, avisou. “Homens e mulheres deverão trabalhar e morar junto com os cidadãos do país para o qual forem destacados — fazendo o mesmo trabalho,

comendo a mesma comida, falando a mesma língua.”

Apesar desses desafios, milhares de voluntários se apresentaram. À medida que cada vez mais governos convidavam o Corpo da Paz para trabalhar em seu país, o programa rapidamente foi ampliado de dois países — Gana e Tanzânia — para dezenas de países em desenvolvimento do mundo todo. Os voluntários mergulhavam profundamente na vida das cidades e dos povoados para os quais eram enviados. Trabalhavam com agricultores, professores, profissionais de saúde; ensinavam inglês; ajudavam a criar peixe e animais de fazenda.

Durante toda a década de 1960, os voluntários do Corpo da Paz foram enviados a países que haviam recém-conquistado a independência, mas estavam empobrecidos ao saírem do colonialismo. As elevadas metas de paz e desenvolvimento da organização eram genuínas, assim como a Guerra Fria — missão inspirada para promover a democracia e melhorar a imagem e aumentar a influência dos Estados Unidos.

Na década de 1970, as atribuições tornaram-se mais direcionadas, e foram selecionados voluntários com mais experiência de trabalho. A idade média deles aumentou nesse período — de 22 para 28 — e a porcentagem de voluntários acima dos 50 anos também cresceu. Em 1974, o Corpo da Paz havia sido convidado para trabalhar em 69 países, o número mais elevado de todos os tempos.

Em 1979, o Corpo da Paz finalmente obteve total autonomia no Poder Executivo do governo dos EUA (era antes uma agência vinculada ao Departamento de Estado).

Durante o governo do presidente Ronald Reagan na década de 1980, o tamanho do programa e o número de voluntários caiu, mas novas iniciativas, em especial para promover segurança alimentar, foram lançadas no Caribe, na América Central e na África.

A organização acompanhou a evolução dos tempos. Em 1991, depois do colapso da União Soviética, os voluntários foram destacados para o Leste Europeu pela primeira vez, para a Lituânia, a Estônia e outras nações então recém-independentes, onde foram convocados para ajudar no desenvolvimento de pequenas empresas. Foram programas de transição destinados a auxiliar países que passavam de uma economia socialista para uma economia de mercado; em dez anos, os programas dos Estados bálticos foram encerrados, a tarefa, concluída.

Em 1993, os primeiros voluntários chegaram à China, principalmente para ensinar inglês. Quinze anos depois, havia 114 “Voluntários da Amizade EUA-China”, como os voluntários do Corpo da Paz são conhecidos lá, ensinando inglês em dezenas de universidades, escolas médicas e faculdades vocacionais em todo o país.

Qualquer que seja o clima político global dominante, uma vez que os voluntários do Corpo da Paz estão em missão eles simplesmente se esforçam para se relacionar, se adaptar e encontrar trabalho significativo para fazer. Stanley Meissler, autor de *When The World Calls: The Inside Story of the Peace Corps and Its First Fifty Years [Quando o Mundo Chama: Bastidores do Corpo da Paz e Seus Primeiros 50 Anos]*, afirma: “Grande parte do que os voluntários fazem simplesmente não é quantificável. Os relatórios anuais do Corpo da Paz podem relacionar os números de tanques de criação de peixe construídos ou os quilos de mel produzidos, mas nunca fiquei satisfeito com essas enumerações.

“Sinto que o impacto é muito maior”, diz Meissler. “Como medir o impacto do Corpo da Paz quando dois voluntários ajudam um adolescente pobre e ele cresce e se

torna presidente do Peru? Ou como medir o impacto de um voluntário de saúde que mostra a enfermeiras afegãs que demonstrar amor e preocupação com um paciente faz parte do ofício? Simplesmente nunca duvidei do enorme impacto causado pelos voluntários do Corpo da Paz em seus anfitriões.”

Esse impacto é de mão dupla e atravessa oceanos. Os voluntários do Corpo da Paz retornam aos Estados Unidos com o conhecimento de culturas que visitaram — e com novas visões de mundo. Eles atuam em educação, saúde,

trabalho para o desenvolvimento, política, nos negócios e nas artes. A maioria continua a trabalhar para “aumentar o entendimento dos americanos sobre o mundo e seus povos”, uma das metas originais de Kennedy para o Corpo da Paz.

Obviamente que “o mundo e seus povos” continuaram a mudar. Depois do 11 de Setembro de 2001, por exemplo, as Embaixadas dos EUA em todo o mundo reforçaram seus prédios, preocupações de segurança fizeram com que o Corpo da Paz encerrasse alguns programas em alguns países da Ásia Central e os realocassem para áreas como o Caribe e a América Latina, consideradas mais seguras.

Hoje, cerca de 9 mil voluntários servem em 77 países. Eles trabalham em projetos de educação, saúde, HIV/Aids, negócios, meio ambiente, agricultura e desenvolvimento de jovens. O Congresso dos EUA aprovou recentemente um orçamento histórico de US\$ 400 milhões para o Corpo da Paz.

A missão do Corpo da Paz permanece única. Apesar das grandes mudanças nos Estados Unidos e no mundo ao longo das décadas, o Corpo da Paz continua a atrair o apoio político dos dois principais partidos dos EUA. Mais de 200 mil americanos serviram no Corpo da Paz dos EUA em 139 países. ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

**“Inscrevi-me (...) para ver o mundo, conhecer pessoas e participar de uma das experiências mais ousadas já realizadas no serviço público americano.”**

# Corpo da Paz: os próximos 50 anos

Aaron S. Williams



O diretor do Corpo da Paz Aaron Williams se reúne com alunos na Tailândia

*O Corpo da Paz continuará a encarar os desafios do mundo com inovação, criatividade, determinação e compaixão. Aaron S. Williams é diretor do Corpo da Paz. Serviu como voluntário do Corpo da Paz na pequena cidade de Monte Plata, na República Dominicana, de 1967 a 1970.*

Há 50 anos, o candidato a presidente John F. Kennedy chegou ao campus da Universidade de Michigan para fazer um discurso de campanha. Era tarde — quase 2 horas da manhã — e os estudantes estavam cansados. Mas em Ann Arbor naquela noite fria de outubro Kennedy lançou um ousado desafio aos estudantes:

“Quantos de vocês que vão ser médicos estão dispostos a passar seus dias em Gana? Quantos de

vocês estão dispostos a trabalhar no Serviço de Relações Exteriores e a passar a vida viajando pelo mundo?” Kennedy perguntou aos alunos.

O discurso improvisado de Kennedy durou apenas alguns minutos, mas naquele curto período de tempo ele descreveu uma visão de como os jovens americanos podiam servir seu país servindo no exterior. Essa visão permanece nos mais de 200 mil americanos que serviram como voluntários do Corpo da Paz em 139 países desde 1961. E, embora o mundo tenha mudado drasticamente desde a fundação do Corpo da Paz há 50 anos, a missão de promover a paz mundial e a amizade entre as pessoas continua a mesma.

Os atuais voluntários encaram os desafios do mundo com inovação, criatividade, determinação e compaixão. E

eles contam com ferramentas inimagináveis na época em que fui voluntário do Corpo da Paz no final da década de 1960. Eu costumava me comunicar com minha mãe escrevendo cartas — sim, cartas! — com selos e envelopes de verdade. Caminhava até o correio local e torcia para que as minhas anotações chegassem sem problemas à minha família.

Hoje, os voluntários do Corpo da Paz contam com tecnologia na ponta dos dedos. Envia e-mail, usam o Skype, mantêm blogs, mandam mensagem de texto, twittam, e os voluntários que atuam em algumas das partes mais remotas do mundo podem se comunicar com seus familiares e amigos nos Estados Unidos. Eles conseguem passar informações para outros americanos sobre os países e as culturas em que atuam muito antes de voltar para os Estados Unidos.

Os voluntários também usam a tecnologia para estimular a criatividade de novas maneiras. No último terceiro trimestre, voluntários do Corpo da Paz na Namíbia criaram um programa de educação em saúde voltado para adolescentes e adultos jovens. Os voluntários usaram mensagens de texto para receber e responder perguntas sobre tópicos relacionados com saúde como controle da natalidade e prevenção de HIV/Aids. Somente no primeiro mês, os voluntários enviaram mais de mil mensagens de texto em resposta a questionamentos de jovens da comunidade.

Para muitos dos que servem, o tempo que passam no Corpo da Paz influencia tudo o mais que farão dali em diante. Como colocou um voluntário que serviu em Serra Leoa: “Nunca poderei retribuir ao povo de Serra Leoa, mas posso me lembrar das lições, do crescimento pessoal, da abertura de horizontes e aplicar no meu trabalho aqui de volta. Qualquer realização com que eu possa contribuir, qualquer diferença que eu possa fazer mesmo no menor sentido (...) irão, em alguma medida, ser moldadas pela minha experiência como voluntário do Corpo da Paz.”

Para mim, assim como para tantos outros, o Corpo da Paz foi o começo de tudo. Foi a porta que se abriu para o

resto da minha vida.

Quando me candidatei para servir no Corpo da Paz, foi o maior risco que já havia enfrentado na vida. Trabalhei em uma pequena cidade da República Dominicana como instrutor de professores, ajudando 50 professores de escolas rurais de ensino fundamental a se formar no ensino médio. Durante dois anos, visitei os

professores em suas comunidades a cavalo, de motocicleta ou a pé para ajudá-los a aplicar novos métodos de ensino. Os professores participavam voluntariamente de aulas aos sábados durante todo o ano letivo e abriam mão de suas férias de verão para mais treinamento. Eles queriam se tornar professores melhores, ter acesso a melhores oportunidades, e eu estava determinado a fazer de tudo que estivesse ao meu alcance para ajudá-los a vencer.

E o que trouxe de volta quando retornei aos Estados Unidos foi a crença no poder da união e do trabalho de equipe: de que quando

trabalhamos juntos em prol de um objetivo comum podemos fazer coisas maravilhosas.

Os voluntários retornam aos Estados Unidos como cidadãos do mundo, com habilidades de liderança, habilidades linguísticas, habilidades técnicas, habilidades para solucionar problemas e *insights* multiculturais que os deixam bem posicionados para carreiras em todos os campos e setores.

Embora tenhamos percorrido um longo caminho desde o discurso do presidente Kennedy em 1960, nossa jornada não chegou ao fim. Enquanto houver sofrimento e conflitos no mundo, sabemos que nosso trabalho não está completo.

Prevejo um Corpo da Paz que cresça e se adapte aos desafios do nosso tempo. Prevejo um Corpo da Paz que carregue a tocha do sonho do presidente Kennedy e ainda seja forte daqui a 50 anos.

A eminente tarefa que é o Corpo da Paz ainda nos chama à ação. Vejamos o que podemos construir juntos nos anos vindouros. ■

**“Qualquer realização com que eu possa contribuir, qualquer diferença que eu possa fazer mesmo no menor sentido (...) irão, em alguma medida, ser moldadas pela minha experiência como voluntário do Corpo da Paz.”**

# Voluntários em ação

**O**s voluntários do Corpo da Paz trabalham a pedido de outros países para ajudar a desenvolver melhores oportunidades para seu povo, morando e trabalhando com as pessoas em vilarejos remotos e cidades em expansão do mundo em desenvolvimento. Desde 1961, mais de 200 mil americanos serviram como voluntários em 139 países. A seguir, exemplos de alguns voluntários.

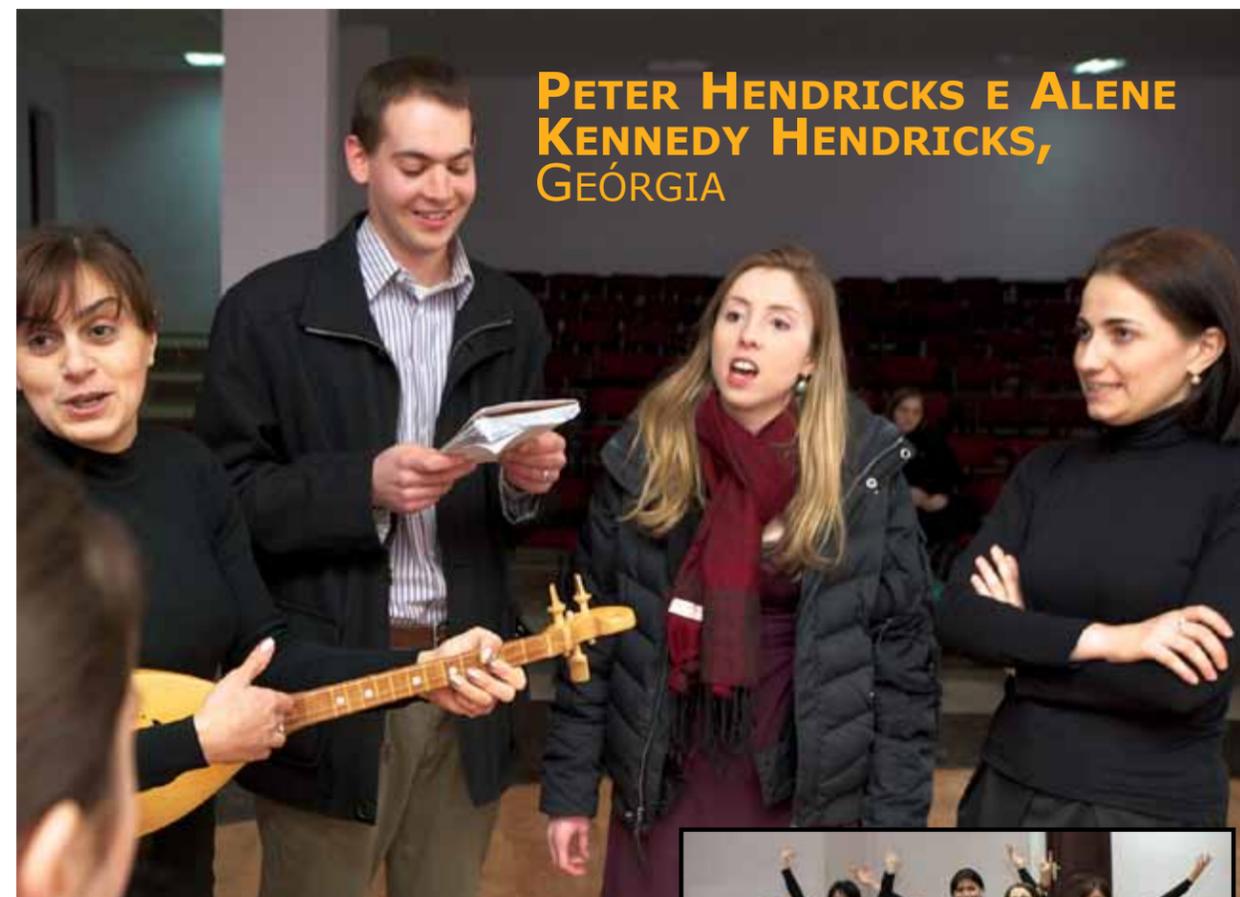




**KATHLEEN FRASER,  
PANAMÁ**

Seu talento empresarial ajudou a elevar a renda de produtores de café

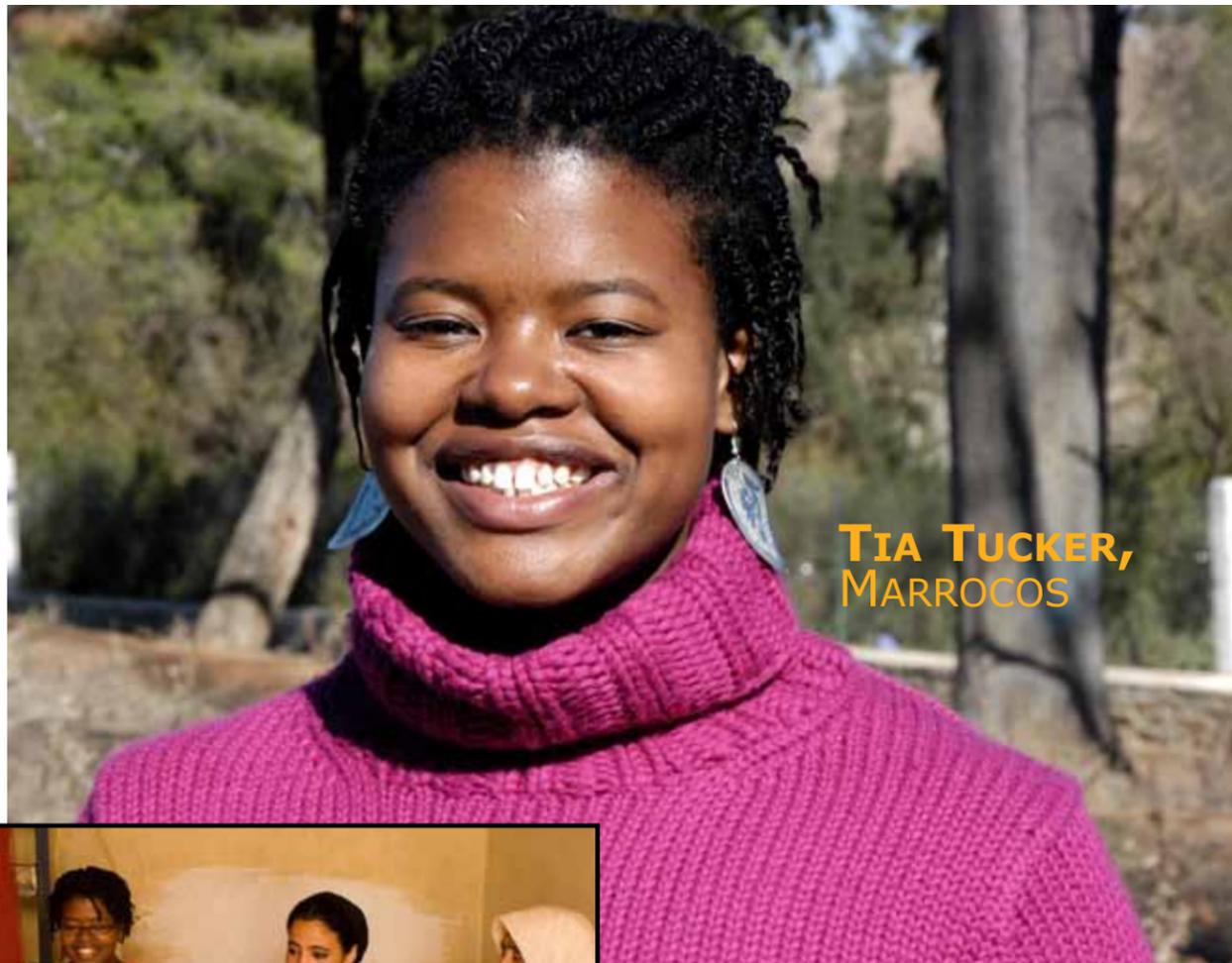
Depois de trabalhar por dois anos no setor financeiro dos EUA, Kathleen Fraser, da Carolina do Norte, pôde aplicar seu talento nos negócios como voluntária do Corpo da Paz em Araglacias, na zona rural do Panamá. Durante o tempo que passou lá, trabalhou com um pequeno grupo de mulheres para construir e manter colmeias e vender mel para o mercado de turismo. Kathleen também ajudou produtores de café a ganhar mais com suas plantações ao torrar e moer os grãos em vez de apenas vender os frutos crus do café. “Há muitos intermediários envolvidos na cadeia do café”, explicou, “assim, quanto mais eles avançarem nessa cadeia, mais dinheiro poderão ganhar”.



**PETER HENDRICKS E ALENE  
KENNEDY HENDRICKS,  
GEÓRGIA**

O casal ensinou técnicas de ensino a professores e cantou junto com eles

O casal Peter Hendricks e Alene Kennedy Hendricks foi para Rustavi, cidade na República da Geórgia. Eles ensinaram inglês para alunos jovens e também treinaram professores. Os professores na Geórgia não costumam fazer planejamento de aula; Peter e Alene mostraram a eles como organizar planos de aula contendo as metas de ensino. Também exploraram maneiras de tornar o aprendizado mais divertido, com concursos de soletração e de redação criativa, canções e danças.

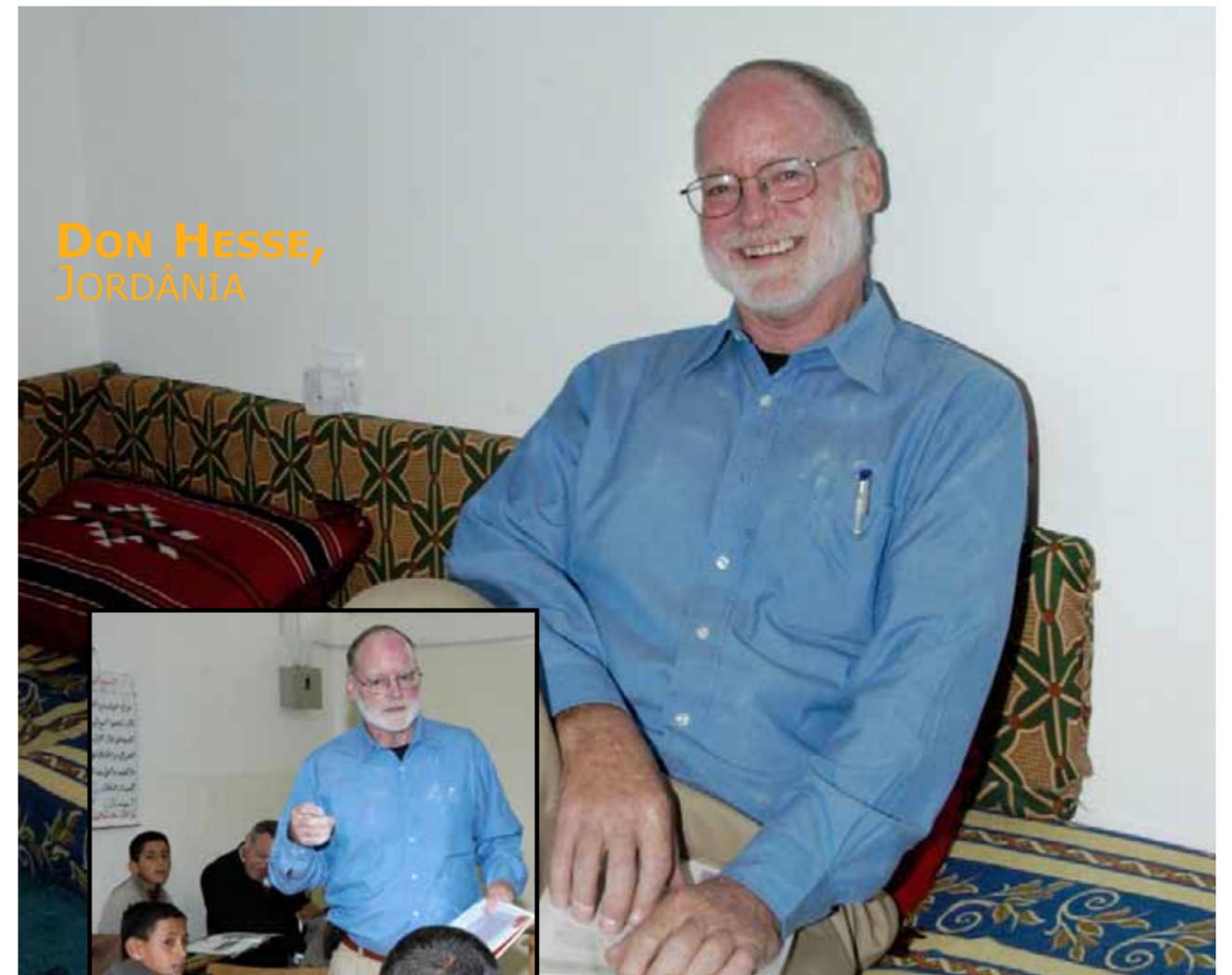


**TIA TUCKER,  
MARROCOS**



**Ela fez as pessoas  
saberem que tinham voz**

Além de lecionar inglês em Tiflet, no Marrocos, Tia Tucker, da Louisiana, trabalhou de perto com mulheres da comunidade. Durante o período que passou no Marrocos, Tia trabalhou com um grupo de costureiras e assessorou uma cooperativa de tecelagem de mulheres. Ensinou as mulheres sobre nutrição, exercícios e prevenção de doenças, mas também as ajudou a perceber que as mulheres podem ter voz — que podem transmitir conhecimentos úteis. “Elas pensam: ‘Sei alguma coisa e posso compartilhar isso com outras pessoas. Não é porque não terminei o ensino médio ou porque sou mulher que não sou importante’”, disse.



**DON HESSE,  
JORDÂNIA**

**Quase 40 anos depois de sua primeira experiência com o Corpo da Paz, participou pela segunda vez como professor de inglês**

Don Hesse gostou tanto do serviço que prestou no Corpo da Paz em Serra Leoa entre 1968 e 1970 que quase 40 anos depois deixou São Francisco para servir mais dois anos como voluntário do Corpo da Paz. Dessa vez ele foi para a cidade de Ayl, no sul da Jordânia. Antes de sua chegada, ninguém em Ayl falava mais do que algumas palavras em inglês. Alguns professores conseguiam ler livros didáticos de ciências em inglês ou peças de Shakespeare, mas ninguém sabia como desenvolver uma conversa. Na escola para meninos onde lecionou, os alunos mais entusiasmados eram os outros professores. “Não apenas os professores de inglês, mas todos os professores e até o faxineiro”, contou Hesse. “Eles realmente queriam aprender a falar inglês.”



**JARED THARP, SENEGAL**

## Agricultor urbano planta alimentos para pobres e doentes, fazendo uso de novas formas de terapia

O californiano Jared Tharp trabalhou como agricultor urbano em Dacar, no Senegal. Ele e seus três assistentes locais trabalharam em uma horta de um hospital para fornecer alimentos gratuitos a pacientes pobres da ala de doenças infecciosas. Cerca de dois terços dos pacientes tinham HIV/Aids e sofriam de deficiência nutricional; a maioria não podia arcar com as refeições do hospital. No mesmo hospital, Tharp trabalhou na horta da ala psiquiátrica. Essa horta não apenas produzia alimentos para os pacientes, mas também servia de atividade terapêutica para eles.



**JUAN RODRIGUEZ, GUIANA**

## Ele ensinou informática e beisebol

Quando Juan Rodriguez, de Nova Jersey, foi para a Guiana onde se fala inglês, ele teve de convencer as crianças com as quais trabalhava de que era realmente americano, apesar de seu nome espanhol. Os alunos, da primeira à sexta série, passaram a entender melhor a diversidade dos americanos à medida que Juan os ajudava nas atividades de leitura, digitação e informática. Ele também as ensinou a jogar beisebol, o passatempo nacional dos Estados Unidos. “Foi realmente divertido porque eles participavam e realmente gostavam, e toda vez que se reuniam comigo queriam aprender mais e jogar mais beisebol”, contou Juan.

**Rachelle Olden,**  
República Dominicana



### Jovens aprendem a fazer escolhas saudáveis

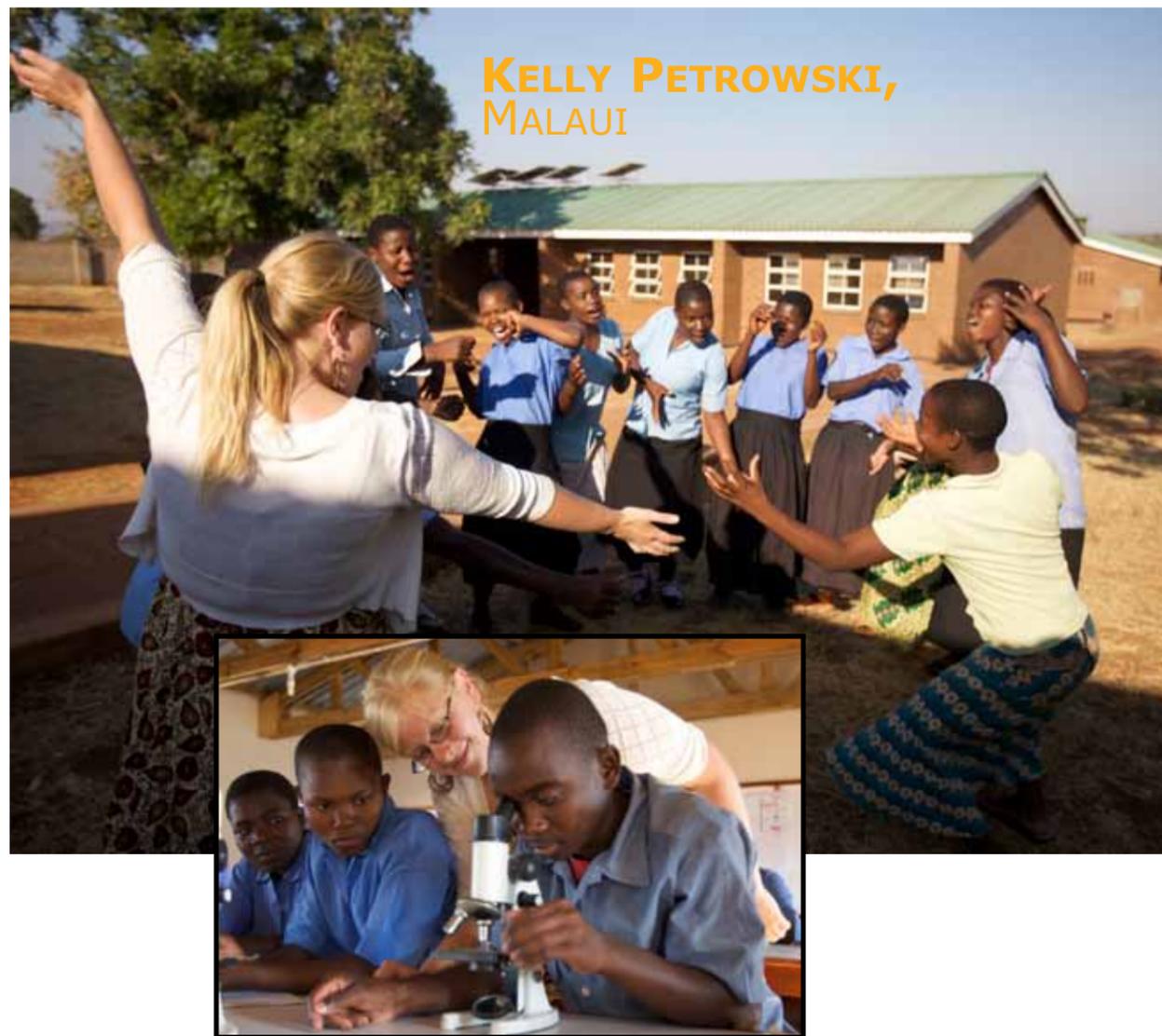
Algumas jovens de Santiago, na República Dominicana, tiveram aulas detalhadas sobre vida saudável com Rachelle Olden, da Carolina do Sul. Rachelle as ensinou a evitar o HIV/Aids, tomar decisões saudáveis e ter autoestima. As jovens voltaram para as escolas de seus bairros, os grupos de jovens e os centros comunitários e compartilharam o que aprenderam. Em um desses centros comunitários, Rachelle incentivou alguns meninos e meninas a pintar um mural sobre a iniciativa. “Este é o mural *Escojo mi vida, e Escojo mi vida* significa ‘Escolho minha vida’, o que significa escolho as decisões que tomo — tomo minhas próprias decisões de saúde e me protejo do HIV e da Aids”, disse.

**Scott Lea, Indonésia**



### Seis dias por semana ele ensina inglês, mas todos os dias aprende a língua e a cultura da Indonésia

Scott Lea, do Colorado, é o primeiro, e até agora único, voluntário do Corpo da Paz na ilha indonésia de Madura. Segundo lhe contaram, ele é o primeiro estrangeiro a visitar algumas comunidades. Seis dias por semana Lea leciona inglês para 210 alunos da 11ª série. Ele também dirige um clube de inglês uma vez por semana e dá aulas especiais para preparar alunos da 12ª série para os exames nacionais. “Em muitos dias sinto que a melhor coisa que faço é andar pela comunidade e cumprimentar as pessoas, bater papo”, disse. “Isso me faz sentir parte da comunidade, e as pessoas gostam do esforço que eu, como estrangeiro, faço para aprender sua língua e sua cultura.”



## Professora de ciências motivou seus alunos com aulas divertidas

Única professora de ciências para mais de 300 alunos de uma escola de ensino médio na rural Malawi, Kelly Petrowski, de Illinois, lecionou biologia e física. A escola não tinha eletricidade nem água encanada, mas tinha livros de ciências, microscópios, tubos de ensaio e produtos químicos. Quando ela chegou, todo esse equipamento estava fechado em caixas e sem instruções. Organizar as caixas para montar o laboratório foi um desafio. Ainda mais desafiador foi conseguir que os alunos comparecessem às aulas, mas ela os convenceu fazendo algumas atividades divertidas. “Uma grande coisa para mim é que os alunos estão ficando mais motivados”, disse Kelly.

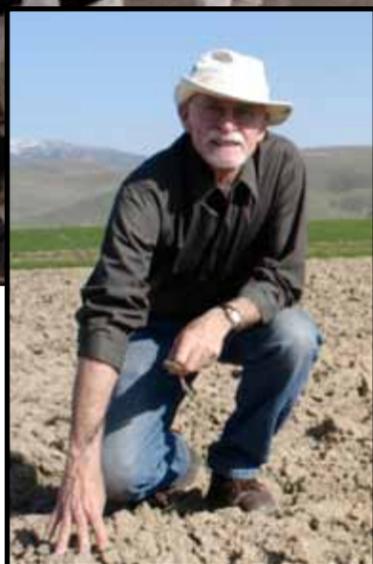


## Além da aula de inglês, ele também encontrou outras formas de compartilhar

Albin Sikora ensinou inglês em um vilarejo na Bulgária. Seus alunos adoravam o basquete de rua americano que viam on-line, então ele montou um time de basquete. Ele adorava a zona rural da Bulgária, mas lamentava que o lixo poluísse os riachos, portanto organizou a primeira limpeza de rio no povoado e convidou os alunos, seus pais e avós para participar. À medida que aprendia sobre os trajes típicos e os costumes da comunidade, ele dividia com eles pequenas comemorações típicas dos americanos: a primeira festa Halloween à fantasia dos habitantes do povoado, com seus doces e brincadeiras infantis, e seu primeiro jantar americano de Ação de Graças.



**PATTY E HARVEY GAGNON,  
REPÚBLICA DO QUIRGUISTÃO**



**Ensino do inglês com  
danças e canções  
populares americanas**

O casal aposentado Patty e Harvey Gagnon, de Michigan, foi para a República do Quirguistão para ter uma “aventura no telhado do mundo”. Ela lecionou inglês para crianças da primeira à nona série. Ele trabalhou como facilitador de empresas. “Tento ajudar as pessoas a conseguir verbas, doadores, empréstimos, tudo que for necessário para realizar seu projeto”, disse. Ela assava biscoitos para as crianças — “Nunca vi biscoitos acabarem tão rápido”, disse. E com a participação de Harvey, Patty ensinava músicas e danças. As crianças queriam aprender em especial as letras de músicas populares americanas.



**LÖKI TOBIN, AZERBAIJÃO**



**Professora de fotografia estimulou os alunos a se expressar e a fotografar a comunidade**

Löki Tobin, do Alasca, queria que os jovens de Zagatala, no Azerbaijão, expressassem-se artisticamente, então pediu aos alunos de sua aula de fotografia para tirar fotos da comunidade. “Isso estimula os jovens a exercitar o pensamento crítico, praticar a liberdade de expressão e administrar o estresse”, afirmou. Ela também fazia caminhadas diárias pela cidade para encontrar os moradores locais e falar sobre os Estados Unidos e os americanos.

**agora no facebook**



# ENGAJANDO O MUNDO



REVISTA MENSAL OFERECIDA  
EM DIVERSOS IDIOMAS

<http://america.gov/publications/ejournalusa.html>

Departamento de Estado dos EUA, Bureau de Programas de Informações Internacionais